DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO INFANTIL

Marta Verônica Santana Déda

RESUMO

Este artigo faz uma abordagem sobre as dificuldades de aprendizagem na alfabetização infantil a partir de aspectos influenciadores neste processo como: metodologia estritamente tradicionalista utilizada por professores, sobretudo na escola pública, participação da família, ambiente social e intelectual da criança, entre outros. O estudo mostra ainda, o quanto é importante o professor conhecer o alfabetizando infantil e dessa forma descobrir junto a ele as causas de suas dificuldades de aprendizado, as quais irão direcioná-lo na tomada de atitudes acertadas em relação ao processo alfabetizador, e, conseqüentemente, despertando no aluno o interesse e o gosto pelo aprendizado. A pesquisa pauta-se em uma análise bibliográfica a partir de leituras especializadas sobre o tema, bem como, das observações realizadas durante o trabalho pedagógico alfabetizador nas séries iniciais da escola publica, onde se constatam altos índices de dificuldades devido a fatores familiares, sociais e os questionáveis desafios didáticos.

Palavras-chave: Alfabetização. Metodologia. Aprendizagem

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo principal analisar as dificuldades de aprendizado presentes no processo de alfabetização infantil, levando em conta os fatores externos que dificultam o seu desenvolvimento e que acabam gerando desinteresse pela escola em virtude de metodologias descontextualizadas desenvolvidas pelos docentes, contribuindo, sobremaneira, para o insucesso escolar das crianças na alfabetização. Essa possibilidade de fracasso na alfabetização infantil deve ser uma preocupação da escola, dos pais ou responsáveis pelos alfabetizandos, da comunidade na qual estão inseridos, enfim, de todos os envolvidos no processo educacional da criança.

O interesse pelo estudo sobre as dificuldades no processo de alfabetização infantil surgiu através de observações realizadas em uma turma do primeiro ano do ensino fundamental, onde algumas crianças não conheciam as letras nem desenvolviam a escrita, sendo que, nesta fase, a criança já deveria estar avançada no conhecimento da leitura e da escrita.

O trabalho mostra a importância da observação de fatores diversos, principalmente os externos, em relação à comunidade escolar e sua influência no sucesso ou fracasso durante a alfabetização, sendo importante frisar nuances como, condições familiares ligadas ao nível de escolaridade do grupo familiar, condições de alimentação do alfabetizando infantil, meio social no qual está inserido, onde absorve saberes dos mais diversos, seu acesso a informações, dentre outros.

Quanto aos fatores internos, em relação à comunidade escolar, temos na falta de preparo e de tempo enfrentado pelos professores, uma das principais interferências no acompanhamento dos casos isolados das crianças com dificuldades de aprendizado, bem como, no desenvolvimento de outras atividades importantes para melhorar o aprendizado dos alunos no seu processo alfabetizador.

A proposta da escola atual, preocupada com ascensão intelectual da sua clientela, deverá ser descobrir as causas que dificultam o aprendizado dos alunos. Com o apoio de atendimento especializado, a escola deve buscar cada vez mais o aprendizado eficaz e democratizado, sobretudo nas classes menos favorecidas, como é o caso da escola e da comunidade nas quais serão realizadas as pesquisas de campo que ilustrarão este estudo.

A pesquisa de campo pautou-se em observações na Escola Municipal de Ensino Fundamental Dom José Vicente Távora, a fim de obter maiores esclarecimentos sobre a vivência e aprendizado em sala de aula.

A instituição localiza-se em uma área composta por um grupo social carente, situada no bairro Santo Antônio, em Aracaju. A sala de aula observada tem um corpo dicente composto por 20 alunos do primeiro ano do ensino fundamental, na faixa etária entre 06 e 07 anos de idade, sendo 11 meninas e 09 meninos. A escola é constituida por 10 salas de aula, quadra, pátio, salas de vídeo, informática e dança, refeitório, dois banheiros, também possui diretoria, secretaria e equipe pedagógica.

Para compreender as causas das dificuldades de aprendizagem na alfabetização o presente estudo busca informações junto aos professores, analisa os dados obtidos a partir da pesquisa bibliográfica, referente ao assunto em tela, trazendo à baila preconizações de importantes estudiosos na área da alfabetização infantil para nortear o estudo.

Para Emília Ferreiro (2001, p. 44), citando Marcone e Lakatos,

> A descrição do que é e para que serve a pesquisa bibliográfica permite compreender que se de um lado a resolução de um problema pode ser obtida através dela, por outro, tanto de campo (documentação direta) exigem como premissa, o levantamento do estudo da questão que se propõe a analisar e solucionar. A pesquisa bibliográfica pode, portanto, ser considerada também como o primeiro passo de toda a pesquisa cientifica.

A partir da análise da citação acima percebemos que a pesquisa bibliográfica não deve ser vista pelos profissionais da área de educação como uma leitura sem importância e fora da realidade do espaço escolar, principalmente da escola publica. Esse tipo de pesquisa deve ser entendida como algo capaz de nortear o professor dando-lhe uma visão geral dos problemas em sua prática alfabetizadora.

É de suma importância para os profesores conhecer e saber lidar com os diversos problemas encontrados por eles em seu trabalho educador de base, não devendo descartar nenhum tipo de informação que possa enriquecer a sua prática educativa, sob pena de fracassar no seu propósito de formação intelectual da criança.

CONHECENDO O ALFABETIZANDO INFANTIL

De uma forma geral, na infância, os primeiros passos para o processo de alfabetização podem ser iniciados a partir do momento em que a criança já consegue dominar determinadas funções, processos mentais e motores. É comum percebermos o desenvolvimento da alfabetização na Educação Infantil, onde as crianças são colocadas desde os três ou quatro anos de idade e que tem a função de estimulá-la por meio de atividades lúdicas, música e dança.

Garcia (2001, p. 52), considera que a função do professor, nessa fase, é formar hábitos, atitudes e desenvolver as habilidades essenciais para o aprendizado da leitura e da escrita.

Em vias de regra, o alfabetizando infantil, é a criança na faixa etária entre quatro e seis anos, que já apresenta conhecimento das letras e da escrita, o que possibilita o início do seu processo de alfabetização.

Oliveira (2007, p. 173), em outras palavras, sustenta que a criança, ainda pequena, começa a se educar dentro do seio familiar, e que a escola acaba assumindo um papel de mero substituto dessa fonte educadora. Pode-se inferir a partir da análise feita pela autora que algumas crianças chegam à escola com a compreensão do princípio alfabético, outras pensam que o número de letras de uma palavra é igual ao número de sílabas, enquanto outras sequer entenderam que as letras escritas têm relação com os sons das palavras. Devemos lembrar sempre que as crianças não chegam à escola com o mesmo nível de compreensão do que seja ler e escrever.

Segundo Ferreiro (1989, p.23)

> Há crianças que chegam à escola sabendo que a escrita serve para escrever coisas inteligentes, divertidas ou importantes. Essas são as que terminam de alfabetizar-se na escola, mas começaram esse processo muito antes, através da possibilidade de entrar em contato, de interagir com a língua escrita. Há outras crianças que necessitam da escola para apropriar se da escrita.

Com base nas palavras de Ferreiro, percebemos que no período da alfabetização, como a criança já apresenta alguma bagagem, sobretudo a lingüística, pois foi certamente a fala a forma predominante de sua comunicação e aprendizado no meio social e familiar, o desenvolvimento da linguagem não deve ser desprezado e sim priorizado, facilitando o processo de aprendizado da escrita e consequentemente da alfabetização de uma forma geral. Certas características passam a ser notadas por meio da fala da criança, podendo ser expostos a sua personalidade e os seus interesses. Sendo assim, precisamos estar atentos em como e o que a criança fala como forma de estimulá-la na sua alfabetização.

Para Ferreiro (2001, p. 38), “a criança recebe informação dentro, mas também fora da escola, e essas informações extra-escolares se parecem com a informação lingüística geral que utilizou quando aprendeu a falar”.

Portanto, a alfabetização começa muito antes de a criança entrar na escola, quanto mais ela é exposta a situações de uso da leitura, mais e melhor se alfabetizará. O alfabetizando infantil não deve receber da escola apenas orientações de como dar continuidade a aprendizagem da língua escrita, mas deve haver a contribuição do educador infantil para que as crianças vivenciem as diferentes linguagens utilizadas na sociedade, aprendendo a usar as diversas formas de comunicação como: a linguagem corporal, a linguagem musical, a linguagem plástica, a linguagem televisiva a linguagem cinematográfica, a linguagem fotográfica, a linguagem do vídeo, a linguagem da mímica, a linguagem teatral, e por que não, a linguagem da informática sob pena de fracassar no seu processo de alfabetização plena. O alfabetizando precisa receber as informações de forma contextualizada para facilitar o seu aprendizado, ou seja, ele tende a se interessar por aquilo que lhe é palpável.

A Lei nº. 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, trouxe algumas alterações à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nos artigos 32 e 87, §3º, inciso I, os quais, respectivamente, passam a dispor que: o ensino fundamental obrigatório, com duração de nove anos, gratuito na escola pública, inicia-se aos seis anos de idade. A outra mudança assevera que o Poder Público deverá matricular todos os educandos a partir dos seis anos de idade no 1º. ano do ensino fundamental.

Na escola pública atual o alfabetizando infantil do 1º ano do ensino fundamental apresenta dificuldades na alfabetização, não consegue desenvolver a

escrita e assimilar as letras, é lento no raciocínio e tem pouco interesse em aprender, falta muito às aulas e não consegue acompanhar o conteúdo programado pela professora, ou muitas vezes não se alimenta antes de ir à escola, ficando desmotivada, preocupada apenas com a hora do lanche, o que prejudica o aprendizado.

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA ALFABETIZAÇÃO

As dificuldades de aprendizagem podem ser descobertas dentro do espaço escolar, tanto em sala de aula quanto durante as atividades recreativas as quais proporcionam ao professor orientações e instrumentos que deverão embasar o seu trabalho alfabetizador. Ou seja, o docente deve aproveitar o conhecimento que o aluno já possui, como podemos comprovar nas palavras de Ferreiro (1989, p. 14)

> Quando uma professora aprende a interpretar estas produções, aprende também a respeitar este produtor. Aprende a respeitar esta criança que lhe está mostrando, através destas produções, os esforços que está fazendo para compreender o sistema alfabético da escrita. E que, na verdade, não tem nada de simples, nem de evidente.

Apesar de todas as interferências recentes no processo de alfabetização a prática escolar mais comum ainda se apóia no método tradicional, e não é diferente na escola Dom José Vicente Távora, como podemos perceber na dinâmica encontrada durante as observações, onde se percebe algumas nuances, as quais denunciam e reforçam essa afirmação, quais sejam, a disposição das cadeiras em sala de aula, por exemplo, estão arrumadas de forma tradicional em fileiras simétricas umas atrás das outras, o que dificulta o aprendizado, pois coloca o professor sempre na qualidade de superior em sala de aula, constrangendo os alunos na participação ativa, outro fator, talvez pela falta de tempo encontrada pelos docentes, é o fato de estes não incentivarem a participação dos alunos para a partir

daí darem início ao processo educador-alfabetizador, dentre outras características do ensino tradicional, como se observa nas palavras de Cagliari (1998, p. 32):

> Enquanto a alfabetização escolar ficou presa à autoridade de mestres, métodos e livros, que tinham todo processo preparado de antemão, constatou-se que muitos alunos que não trabalhavam segundo a expectativa dos mestres, métodos e livros eram considerados incapazes e acabavam de fato não conseguindo se alfabetizar.

Partindo desse pressuposto, percebemos que os professores precisam estar sempre inovando a sua metodologia de ensino, buscando formas que se adéquem melhor aos seus alunos, ou seja, ele deve utilizar a forma que atenda ao maior número de alunos nas suas necessidades de aprendizado. Por isso, é importante o incentivo da participação deles nas atividades escolares, pois a partir de suas proposições, de suas experiências, da comunicação que estabelece com os outros alunos, o professor poderá observar qual a melhor forma de promover o aprendizado, de forma que ele tenha prazer em aprender e consequentemente desperte o interesse em buscar esse aprendizado.

O aluno precisa ver atendidas as suas expectativas para aprender, seu ponto de vista deve ser valorizado, sua cultura, as particularidades do seu meio social e familiar. Durante as atividades lúdicas propostas para as crianças, é necessário priorizar o desenvolvimento de atitudes favoráveis à aprendizagem, ou seja, o alfabetizando precisa ser acompanhado em suas atividades recreativas pelos docentes para que extraiam da brincadeira oportunidades que lhes proporcionem êxito em sua atividade alfabetizadora.

Outra questão que não deve ser esquecida pelo docente é o fato de não tornar a alfabetização um fim para o aluno, mas atentar-se para o fato de que a prática alfabetizadora, assim como toda a atividade docente no sentido de educar as nossas crianças deve estar pautada na idéia da educação como trabalho eminentemente de meio, ou seja, não basta educar, mas mostrar para que serve o conhecimento, a educação tem que ser funcional deve alcançar o fim que deve ser a criação de um indivíduo cidadão, ou seja, crítico, participativo em seu meio social, como percebemos nas palavras de Ferreiro (2001, p. 40),

> É preciso mudar os pontos por onde nós fazemos passar o eixo central das nossas discussões. Temos uma imagem empobrecida da língua escrita: é preciso reintroduzir, quando consideramos a alfabetização, a escrita como sistema de representação da linguagem. Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso há um sujeito cognoscente, alguém que pensa que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu.

Com base em Garcia (2001, p. 16), “crianças que se interrelacionam e interagem com outras crianças e com a professora, e que, na relação dialética sócio-individual se desenvolvem, constroem conhecimentos, e se constroem”, ou seja, o educador infantil deve estimular a oralidade dos alfabetizandos infantis no sentido de fazê-los trazer a tona a sua bagagem particular dentro do grupo explicitando através da sua fala aspectos dos mais diversos, familiares, culturais vivências particulares, dentre outros aprendizados, devendo o docente desenvolver seus trabalhos a partir dessas informações, pois desta forma a criança pode absorver melhor o conteúdo uma vez que consegue vislumbrar uma funcionalidade naquilo que lhe está sendo repassado.

Uma forma bastante prática para desenvolver este tipo de trabalho é a desconstrução de alguns paradigmas como disposição das carteiras em sala de aula, fazendo círculos de debates, aproveitando-os para desenvolver as atividades de escrita e leitura, por exemplo, estimular a conversa produtiva não fazendo da sala de aula um espaço de castração da atividade oral, pois esta se apresenta como a principal fonte de conhecimento do aluno nesta fase da vida, uma vez que os aspectos lingüísticos são desenvolvidos ainda na vida fora do seio escolar pelos alfabetizandos.

Outro grande problema para que se coloquem em prática essas metodologias significativas para os alfabetizandos infantis está na falta de preparo dos professores, bem como, dos recursos que estes dispõem para o trabalho alfabetizador. Quanto ao primeiro aspecto percebe-se cada vez mais a falta da formação continuada dos docentes. Outro fator gerador desse despreparo está também associado aos baixos salários recebidos pelos profissionais em educação de uma forma geral, o que dificulta o investimento em cursos de reciclagem e aperfeiçoamento das práticas pedagógicas. Em relação aos recursos, temos a falta de material didático para melhorar o ensino, além da falta de tempo para a

preparação de atividades educativas dentro da escola, pois cada vez mais há a imposição de horários pré-definidos e seguimento aos planos de aula, muitas vezes confeccionados fora da realidade de vida dos discentes. Há ainda a opção dos próprios professores em não se adequar às novas realidades educacionais, estão indiferentes às mudanças e a tudo que ocorre ao seu redor, preocupam-se apenas com o recebimento dos seus salários ao final de cada mês, como se percebe nas palavras de Cagliari (1998, p. 39)

> Infelizmente, não é raro encontrar em nossas escolas professores analfabetos por opção, ou seja, professores que, depois de formados, pararam seus estudos. Não compraram mais nenhum livro e raramente escrevem algo que não seja sua obrigação diária de sala de aula. Há muitos professores que passam anos e anos lendo e escrevendo as mesmas coisas, porque acham que aprenderam assim, e assim devem ensinar.

É importante que os alunos tenham um bom desempenho na fase da alfabetização, porque esta se apresenta como o alicerce de toda uma estrutura que virá a se formar durante a vida educacional do aluno, sobretudo nas séries iniciais, na educação infantil, é de suma importância que os professores se preocupem em preparar da melhor maneira possível seus alunos no tocante à alfabetização sob pena de estarem gerando para esses alunos prejuízos, muitas vezes irreparáveis, pois ao passarem para uma nova fase no processo educacional sem uma boa base na alfabetização poderão se sentir constrangidos diante das outras crianças o que muitas vezes bloqueia o seu interesse e a sua participação em sala de aula, consequentemente o levando ao fracasso escolar, tal fato pode se ocorrer de forma sucessiva a cada mudança de série podendo levar o aluno mais tarde à evasão escolar esporádica ou até mesmo ao abandono dos estudos.

Outro fator relevante no sucesso ou insucesso no processo alfabetizador está ligado à estrutura física do ambiente escolar, pois como regra, e não é diferente na escola alvo da pesquisa que embasou este artigo, as escolas da rede pública de ensino não apresentam uma boa estrutura física a qual proporcione ao aluno e ao professor um ambiente propício ao aprendizado, a falta de espaços adequados para debates e reuniões agradáveis, quadras poliesportivas em condições adequadas de uso, salas de informática, brinquedoteca, salas de aula bem ventiladas e arejadas, biblioteca atualizada e pronta fisicamente para receber crianças, sala de vídeo,

dentre outros espaços apropriados para favorecer o aprendizado são uma constante nas escolas públicas de uma forma geral.

Diante do que foi observado na sala de aula do 1º. Ano do ensino fundamental na Escola Dom José Vicente Távora, pudemos ver algumas dificuldades dos alunos. Uma situação que nos chama a atenção foi quando a professora ensinava a sílaba LA e o aluno M. repetia a silaba. Em seguida a professora perguntava e o mesmo não sabia responder. Havia dificuldade de assimilar a sílaba, talvez pela forma com a qual ela procurava ensinar aquela sílaba, ou seja, de forma “solta”, dissociada de qualquer contexto, provavelmente, seguindo as idéias de Emília Ferreiro, citada por Cagliari (1998, p. 259), se ela fizesse a exposição da sílaba associada a uma figura, de uma lata, por exemplo, a criança tivesse feito uma associação entre figura e sílaba, assimilando-a, pois como já foi exemplificado ao longo deste artigo a criança para aprender precisa ver alguma funcionalidade naquele aprendizado, precisa encontrar um sentido, de outra forma algumas delas não se interessarão, como foi o caso do aluno M.

Outro caso é a forma tradicionalista da professora em transmitir os conteúdos, não há dinâmicas nem brincadeiras ou outra forma de ensinar, a não ser o livro e o quadro. Os alunos não são incentivados a participar da aula que se dava na forma de monólogo, só a professora expunha o seu ponto de vista a sua forma de ver o assunto ensinado, não fazia relações com realidades acessíveis aos alunos como suas histórias, suas vivências, enfim os acontecimentos em geral que fazem parte da realidade daquele grupo de alfabetizandos. Os alunos, apesar de estarem cursando o primeiro ano do ensino fundamental, poucos conheciam as vogais e as consoantes, além dos números, os quais só foram apresentados de 1 a 10.

Dessa observação percebe-se que não foi observada a questão do prejuízo que pode ser causado à criança, uma vez que a mesma ascendeu ao segundo ano mas, não possuía a base necessária para tanto, levando-as muitas vezes ao constrangimento em sala de aula e o desinteresse como pode ser observado durante o estudo.

Das tarefas passadas para casa, alguns não as traziam respondidas, justamente àqueles alunos que apresentavam maior dificuldade, muitas vezes por não haver o acompanhamento das atividades pelos responsáveis em casa, o que se apresenta como uma realidade naquela comunidade, seja porque os pais não

tinham tempo para orientar, seja pelo fato de lhes faltarem base educacional para tanto, fatos atestados pelos alunos que davam essas justificativas, quando eram questionados sobre o motivo de não terem trazidos os exercícios prontos.

Na escola observada, assim como nas escolas publicas de uma maneira geral, há outro problema que prejudica a atividade alfabetizadora como a falta de acompanhamento das tarefas dos alunos pelos seus responsáveis, por vários motivos, os quais são inerentes às famílias das classes mais pobres, como: jornada de trabalho excessiva, nível de escolaridade baixo, ou, até mesmo desleixo, o que prejudica e muito o trabalho alfabetizador uma vez que a educação doméstica é a base educacional e cultural a qual facilita o aprendizado, como podemos perceber nas palavras de Oliveira (2007, p. 173)

> Historicamente, a família tem sido considerada o ambiente ideal para o desenvolvimento e a educação de crianças pequenas. Essa é a posição de alguns sistemas educacionais, que sustentam que a responsabilidade da educação dos filhos, particularmente quando pequenos, é da família, e assumem um papel de meros substitutos dela, repetindo as metas embutida nas práticas familiares.

As palavras da citação acima reforçam que cada vez mais devemos nos conscientizar que a educação não é tarefa exclusiva da escola, absolutamente, de modo inverso, as palavras expõem que a escola deve ser vista como uma atividade complementar a uma educação que deve ser eminentemente oriunda do seio familiar, pois é o lugar em que a criança absorve grande parte da sua bagagem cultural, lingüística e até mesmo da escrita de forma natural e prazerosa, uma vez que se sente à vontade nesse grupo e se vê como membro, o que consequentemente favorece substancialmente o seu aprendizado de uma forma geral. Nesse sentido, professores, comunidade e família devem atentar para o fato de que é essencial a participação de todos na educação, mas, sobretudo, da família, sob pena de o docente ao tentar educar de forma desvinculada da realidade e da bagagem recebida pela criança no seio de sua família estará contribuindo para o fracasso do processo alfabetizador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho em conjunto entre escola, professor e aluno, pode contribuir de maneira bastante significativa e eficaz, superando barreiras e consequentemente facilitando o processo de aprendizagem na prática alfabetizadora.

Diante dessas perspectivas percebemos que há uma grande deficiência no sistema de ensino referente ao processo alfabetizador dos alunos das séries iniciais e na atividade educadora de uma forma geral, principalmente no sistema público de ensino, onde além das dificuldades relativas ao ser humano educando ou alfabetizando, há ainda a preocupação com a questão social, a qual não pode ser analisada como um problema a parte, pois é nítida a interferência que fatores como a desestruturação familiar, a falta de espaços adequados a convivência familiar e na comunidade, além de outros fatores como alimentação inadequada, interferem diretamente no processo de aprendizagem da criança.

No entanto, apesar de serem problemas eminentemente sociais a sua solução passa necessariamente pela questão da educação, uma vez que a maioria dos problemas sociais passa pelo não exercício da cidadania e o homem necessita de educação de qualidade para exercê-la, ou seja, a educação de qualidade é forma de ascensão social e também de acesso à cidadania.

Portanto, é de suma importância que nós, docentes, trabalhemos para que ocorra essa participação ativa do cidadão como parte integrante do sistema, como protagonista da sua história e da história da sua comunidade, da sua nação, devemos perceber a atividade alfabetizadora como embrião das verdadeiras mudanças benéficas para todos nós, não desenvolver o processo de ensino e aprendizagem de forma mecânica, a criança não deve ser vista como um conjunto de órgãos do sentido, como assevera Ferreiro, mas sim como um ser humano que necessita receber informações de forma holística para que possa interagir com o meio, e não se tornar mais um analfabeto funcional, que escreve e lê, mas que não consegue interpretar as entrelinhas da vida, a fazer associações, a julgar a criticar e a entender o mundo em sua volta.

Nós educadores devemos primar por um ensino de qualidade, devemos inovar, não abandonar o tradicional que tanto deu e dá certo, mas incrementá-lo,

devemos atentar para o fato de que os tempos são outros. As crianças são bombardeadas por uma quantidade enorme de informações as quais devem ser corretamente decifradas, devemos nos preparar mais, estarmos atentos às diferenças, nos qualificar, enfim, formar crianças capazes de mudar o seu mundo o nosso mundo através do conhecimento, da luta qualificada, que conquistem a vitória através da educação.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Maria Lourenço de. **Alfabetização:** o discurso e a prática do professor no cotidiano escolar. Guarapari- ES: Ex Liris, 2009.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. N. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: www.leidireito.com.br/lei-9394.html. Acesso em 06 de maio de2010.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1998.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização.** 24 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2004.

FERREIRO, Emília. Uma aula inédita para 10 mil pessoas**. Revista Nova Escola.** 34. São Paulo. Outubro. 1989.

GARCIA, Regina Leite. **Revisando a pré-escola**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

LEI DIREITO. Lei n. 11.274 de 06 de fevereiro de 2006. Disponível em: www.leidireito.com.br/lei-11274.html. Acesso em 06 de maio de 2010.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de**. Educação Infantil**: Fundamentos e métodos. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2007.